

Temas para uma história da literatura hispano-americana.

Sobre esta coleção

Temas para uma história da literatura hispano-americana é uma obra coletiva, de perfil historiográfico, organizada em cinco volumes, cujo objetivo é oferecer aos alunos dos cursos de graduação e pós-graduação de Letras do Brasil, assim como aos professores e pesquisadores da área, um material de consulta bibliográfica que, sem ânimo totalizador, possa sugerir linhas de reflexão em torno do processo histórico da literatura hispano-americana.

O propósito é apresentar uma revisão atualizada de temas já canonizados pela crítica e pela historiografia literárias, assim como incluir problemas que aparecem com os novos repertórios literários que dinamizam a vida cultural do século XXI, tentando acompanhar metodologicamente os avanços que a historiografia literária alcançou nas últimas décadas. Conforme o título indica, não está no horizonte da proposta traçar uma história total da literatura; a intenção é transitar por temas que tornem visíveis aspectos diversos da construção sempre inacabada e por vir da história literária.

O projeto dessa publicação surge dos trabalhos realizados pelo grupo Estudos Literários interamericanos e transatlânticos, coordenado pelas professoras Elena Palmero González (UFRJ) e Ana Cecilia Olmos (USP), cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq em 2013, com certificação da UFRJ e integrado originariamente por professores do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Universidade de São Paulo (USP). Nos anos seguintes, incorporaram-se a esse espaço pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal de Paraná (UFPR), da Universidade Federal de Integração Latino-americana (UNILA) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-São Paulo).

Após outras produções do grupo, que tiveram como objetivo mobilizar uma reflexão crítica em torno de textualidades latino-americanas contemporâneas, surgiu a ideia de um projeto bibliográfico que resolvesse demandas do nosso trabalho diário como professores de literatura hispano-americana no Brasil, articulando os resultados das nossas pesquisas de maneira mais imediata às atividades de ensino. Verificávamos que, apesar da significativa ampliação da oferta dos cursos de Letras nas universidades brasileiras nas últimas décadas, em cujos currículos se incluem disciplinas de literatura hispano-americana que demandam perspectivas históricas em suas bibliografias básicas, e apesar do crescente contato acadêmico e cultural entre Brasil e América Hispânica, uma revisão atualizada de temas de história da literatura hispano-americana, dirigida ao âmbito do ensino superior brasileiro, apresentava-se como uma necessidade. Assim, configuramos o que seria o eixo central do nosso trabalho no período compreendido entre 2018 e 2022, anos em que debatemos intensamente o projeto bibliográfico, em encontros periódicos do grupo, organizamos um simpósio no XI Congresso Brasileiro de Hispanistas (UFPE, 2020) e realizamos dois seminários com apresentação de trabalhos em 2019 e 2021.

No Brasil, houve três obras de perfil historiográfico que foram referência no meio acadêmico: a *Literatura hispano-americana* (1949), de Manuel Bandeira, os *Capítulos de literatura hispano-americana* (1959), de João Francisco Ferreira, e a *História da literatura hispano-americana* (1971), de Bella Jozef – esta última com reedições atualizadas na década de 1980. Para além da relevância que essas obras tiveram no seu momento de publicação, trata-se de projetos ancorados em metodologias de trabalho historiográfico que responderam aos paradigmas de seu tempo, os quais começaram a ser superados a partir da profunda transformação que viveu a historiografia literária nas últimas décadas do século XX, com o impacto da Nova história e a substituição dos paradigmas da história-narrativa pela história-problema, seguida dos avanços qualitativos da Micro-história.

Levando em conta essas mudanças de ordem teórica e metodológica, não há dúvida de que atualmente, no Brasil, a obra de maior valor historiográfico nesse campo de estudos é *América Latina: palavra, literatura e cultura*, organizada por Ana Pizarro e publicada pelo Memorial da América Latina e a UNICAMP, em 1993. Cabe lembrar que os três volumes que compõem essa obra foram resultado de uma instigante reflexão que um grupo de intelectuais latino-americanos – que incluía nomes da estatura de Antonio Cornejo Polar, Angel Rama, Antonio Candido, Domingo Miliani, Rafael Gutiérrez Girardot, dentre outros – levou adiante nos anos de 1980, para dar resposta à necessidade de pensar uma história literária que expressasse as complexas relações que articulam nossos sistemas literários nacionais e regionais, os múltiplos tempos que convivem nesses sistemas, suas diferentes espessuras e os conflitos que as permeiam, ou seja, sua marcada heterogeneidade.

O propósito de nosso projeto é recuperar a concepção dos processos literários que anima uma obra fundamental como *América Latina: palavra, literatura e cultura*, seus principais pressupostos teóricos e suas metodologias de trabalho coletivo, atualizando seus debates, hoje ampliados pela necessidade de responder a outras realidades. Na linha de indagações aberta pelo projeto coordenado por Ana Pizarro, nosso trabalho inclina-se em favor de uma história da heterogeneidade cultural na América Latina, valorizando as perspectivas transnacionais, as formas híbridas e as releituras críticas de certos segmentos da história literária hispano-americana. Mas, também, abre-se a outras questões, certamente elididas nesses estudos precedentes por razões óbvias de cronologia, se atentemos às datas de publicação, como, por exemplo, a produção literária de base oral e performática que cresce vigorosamente nos subúrbios dos centros metropolitanos da América Latina; as novas formas de produção literária que circulam em suportes digitais ou se inscrevem nos muros da cidade, no corpo, nos transportes; as formas estéticas expressivas da biculturalidade que resultam da permeabilidade das fronteiras ou dos deslocamentos contemporâneos; as estéticas radicantes, que escapam dos paradigmas de representação, origem e identidade ou de qualquer outra forma de localização da cultura; as formas híbridas e inclassificáveis da literatura; entre outras muitas manifestações artísticas da contemporaneidade. Para além de sua extensão até os dias de hoje, nosso trabalho segue a trilha aberta por aqueles estudos fundadores e busca traçar eixos de indagação no processo literário hispano-americano que, alheios à linearidade cronológica e à enganosa ideia de unidade da cultura, façam cortes que permitam múltiplas recomposições do quadro historiográfico, substituindo a lógica da unidade (de origem, de localização, de língua) por outras lógicas possíveis e alternativas, capazes de ampliar nosso horizonte do comunitário.

Atendendo a esses objetivos, certas perspectivas teóricas ofereceram um instigante ponto de partida para o trabalho coletivo. Como pode se deduzir do exposto acima, reconhecemos a vigência da noção de *heterogeneidade forjada* por Cornejo Polar por volta dos anos 1970-1980, a qual propõe pensar o movimento das literaturas e culturas latino-americanas como um processo de perfis irregulares, de tempos e densidades diferentes e de sistemas socioculturais diversos que mantêm, entre si, relações contraditórias. Noção que se encontra na base do projeto liderado por Ana Pizarro e que ela recupera de forma explícita nas páginas introdutórias de *La literatura latino-americana como processo* (1985), quando afirma que para fazer uma história do processo literário latino-americano é preciso atender à diversidade de culturas que integram esse universo, resgatando seus diversos ritmos temporais, as coincidências e interrelações, as continuidades e rupturas, ou seja, fazer uma história da nossa literatura conscientes da heterogeneidade essencial que sustenta seu discurso.

Esse sentido de pluralidade – altamente valioso para estudar as múltiplas formas em que se desenvolvem as literaturas e culturas hispano-americanas na

contemporaneidade – se acentua se considerarmos posições posteriores de Cornejo Polar, quando em 1996¹ abre a sua reflexão para uma indagação da categoria de *migración* e seus derivados, destacando que a multiplicidade, a instabilidade, a dispersa variedade de espaços socioculturais que se diversificam ou se articulam com os deslocamentos, a fazem especialmente apropriada para o estudo da intensa heterogeneidade que caracteriza a literatura latino-americana.

Em tempos de cultura translocal, quando o intelectual e o artista são transeuntes entre mundos e as formas estéticas radicantes se multiplicam, as propostas de Cornejo Polar se amplificam, invitando a pensar os sistemas literários a partir de relações transculturais, translinguísticas, transnacionais e transliterárias. Essa linha de pensamento demanda um conhecimento transversal e em movimento; uma sorte de prática científica nômade, diria Ottmar Ette. Segundo Ette, na fase atual de acelerada globalização as travessias transculturais continuam ganhando crescente e indiscutível relevância. Nesse sentido, a investigação não deve focar-se nos espaços intermediários mais ou menos estáveis, e sim na sondagem de superfícies instáveis, nos movimentos oscilantes e nas figuras ambíguas.² Na esteira dessas reflexões, nosso trabalho privilegia uma visão transversal dos processos literários que facilite o reconhecimento dos movimentos entre culturas, entre línguas, entre saberes e discursos, entre linguagens e suportes que caracterizam as textualidades da literatura hispano-americana.

Acreditamos, portanto, na necessidade de trabalhar em favor de uma história da literatura de base relacional que dinamize nossas formas de pensar o que chamamos de comunidade literária hispano-americana. De fato, indiretamente, esse projeto tenta responder à pergunta sobre como pode se articular uma ideia de literatura hispano-americana a formas de pertencimento cultural e perspectivas estéticas que já não respondem aos modelos de representatividade e legibilidade que dominaram o discurso da Modernidade. Sem pretender formular respostas definitivas, a nossa abordagem busca questionar – assim como o fizeram os estudos anteriormente mencionados – qualquer ideia essencialista de comunidade que reduza a literatura hispano-americana a funções de representatividade de uma identidade cultural definida de antemão. Ao contrário, em consonância com as reflexões filosóficas contemporâneas acerca da comunidade, nosso trabalho tende a pensar a comunidade literária como uma prática incessante de escrita que, aberta ao contato com o outro, resiste a se encerrar numa totalidade orgânica e se submeter a qualquer pressuposto de organização, definição ou programa. Nesse sentido, a ideia de comunidade literária que nosso trabalho se propõe a desenhar abre-se em múltiplas direções, sempre transitória e performativa.

¹ Referimo-nos ao artigo *Una heterogeneidad no dualitaria: sujeto y discurso migrante en el Perú moderno*, que Consejo Polar publicou na *Revista Iberoamericana*, v. 62, n. 176-177, p. 837-844, 1996.

² Essas ideias podem ser consultadas e ampliadas no artigo *Por una historia da globalización: estudios trans-área e literatura de viaje*, publicado na revista *Alca: Estudios Neolatinos*, v. 18, n. 2, p. 192-209, 2016.

Essa forma de pensar a literatura hispano-americana permite organizar uma biblioteca cujas estantes remetem constantemente umas às outras, isto é, uma biblioteca que legítima o relacional e o residual que habita os discursos, os fios que ligam esses resíduos e articulam variadas constelações e genealogias, que valoriza os contatos, as rotas, as bifurcações e fertilizações de determinadas tradições. Assim, um escritor, um texto ou um problema pode ocupar diferentes prateleiras nessa biblioteca, ser estudado em função de diferentes cortes e de múltiplas direções. Essa perspectiva habilita o trânsito entre culturas e entre línguas: o traçado de cartografias literárias móveis, permanentemente cambiantes de acordo com o recorte que se priorizar; por certo, um recorte que não se pretende totalizante, mas apenas uma leitura possível de certo problema ou de certa tradição. Assim, tentamos evadir as formas tradicionais de organização dos capítulos atendendo a épocas ou formas fixadas pelos modelos historiográficos nacionalistas entronizados no século XIX e com vigência ainda no XX, trazendo outros critérios de organização, sempre sob o pressuposto da *transitoriedade*. Os instigantes debates que mantivemos no grupo de estudo ao longo dos últimos anos permitiram formular nove linhas temáticas que organizamos em cinco volumes:

Volume I

Inflexões da narração

Variações do deslocamento

Volume II

Inscrições do sujeito

Redes do literário

Volume III

Irrupções das margens

Modos da poesia

Volume IV

Interpelações da diversidade

Releituras críticas

Volume V

Linguagens, suportes e meios: interseções

Com essas linhas temáticas tentamos articular uma forma produtiva de pensar a dimensão processual da literatura hispano-americana. De fato, a organização interna dessas linhas não abandona a perspectiva diacrônica, porém, toma distância de uma visão hegeliana da história, de desenvolvimento causal e cronológico. A visão de processo tem permanecido como a única perspectiva possível para resgatar um trabalho focado na heterogeneidade dos repertórios, no conflito e na interação cultural. Desse ponto de vista, fica evidente também que o projeto se afasta da ideia de uma história continental como somatória de histórias nacionais; ao contrário, nega-se a possibilidade de que exista uma unidade a priori capaz de definir qualquer regime identitário das realidades culturais estudadas. Com relação a isso, também cabe esclarecer que a proposta centra a sua atenção no espaço literário e cultural hispano-americano porque a sua finalidade é contribuir com material bibliográfico destinado a esse campo de estudos específico no ensino superior do Brasil. Entretanto, como pode se apreciar em vários dos capítulos da coleção, não renuncia à perspectiva crítica que contempla a literatura brasileira, acompanhando, assim, o movimento de dissolução de fronteiras disciplinares que levam adiante os estudos latino-americanos desde os anos 1980.

A coleção é resultado do trabalho de uma grande equipe de pesquisadores de universidades brasileiras e estrangeiras. Do Brasil, participam a Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal de Pernambuco; Universidade Federal Rural de Pernambuco; Universidade Federal de Minas Gerais; Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal de Mato Grosso; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Estadual da Paraíba; Universidade Federal da Bahia; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Universidade Federal de Integração Latino-Americana; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal de São Carlos. Dentre outras instituições do estrangeiro, participam a Universidade de Yale, Universidade de Washington, Universidade de Vanderbilt, Universidade de Buenos Aires, Universidade Nacional de Rosario, Universidade Nacional de La Plata, Universidade Nacional de Comahue, Universidade Nacional de Quilmes, Universidade Nacional de Córdoba, Universidade Andina Simón Bolívar, Universidade Nacional Autónoma do México, Universidade Nacional Mayor de San Marcos, Pontifícia Universidade Católica do Peru, Universidade da República, Universidade de Málaga e Universidade de Barcelona. A obra é financiada pelos programas PROAP e PROEX/CAPEES - UFPE, USP, UFRJ e UNICAMP.

Alfredo Cordiviola

Ana Cecilia Olmos

Elena Palmero González

Miriam V. Gárate

Organização

Alfredo Cordivola
Ana Cecília Olmos
Elena Palmero Gonzalez
Miriam V. Garate

Produção Editorial

Aline Pereira de Barros | Letrai

Revisão

Laura Bocco
Luisa Hall
Paulo de Toledo

Capa e Projeto gráfico

Marta Zimmermann

Diagramação

Juliana Carneiro

Impressão

Printstore

Conselho Editorial

Adriana Dorfman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Anderson Zaleski Vargas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Hernan Venegas Marcelo
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Marcelo Jacques de Moraes
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marcio Silveira Lima
Universidade Federal do Sul de Bahia
Miriam V. Garate
Universidade Estadual de Campinas
Regina Coeli Machado e Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Regina Zilberman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Comitê Avaliador

Carlos Alexandre Baumgarten
Maria Eunice Moreira
Regina Zilberman
Zila Bernd

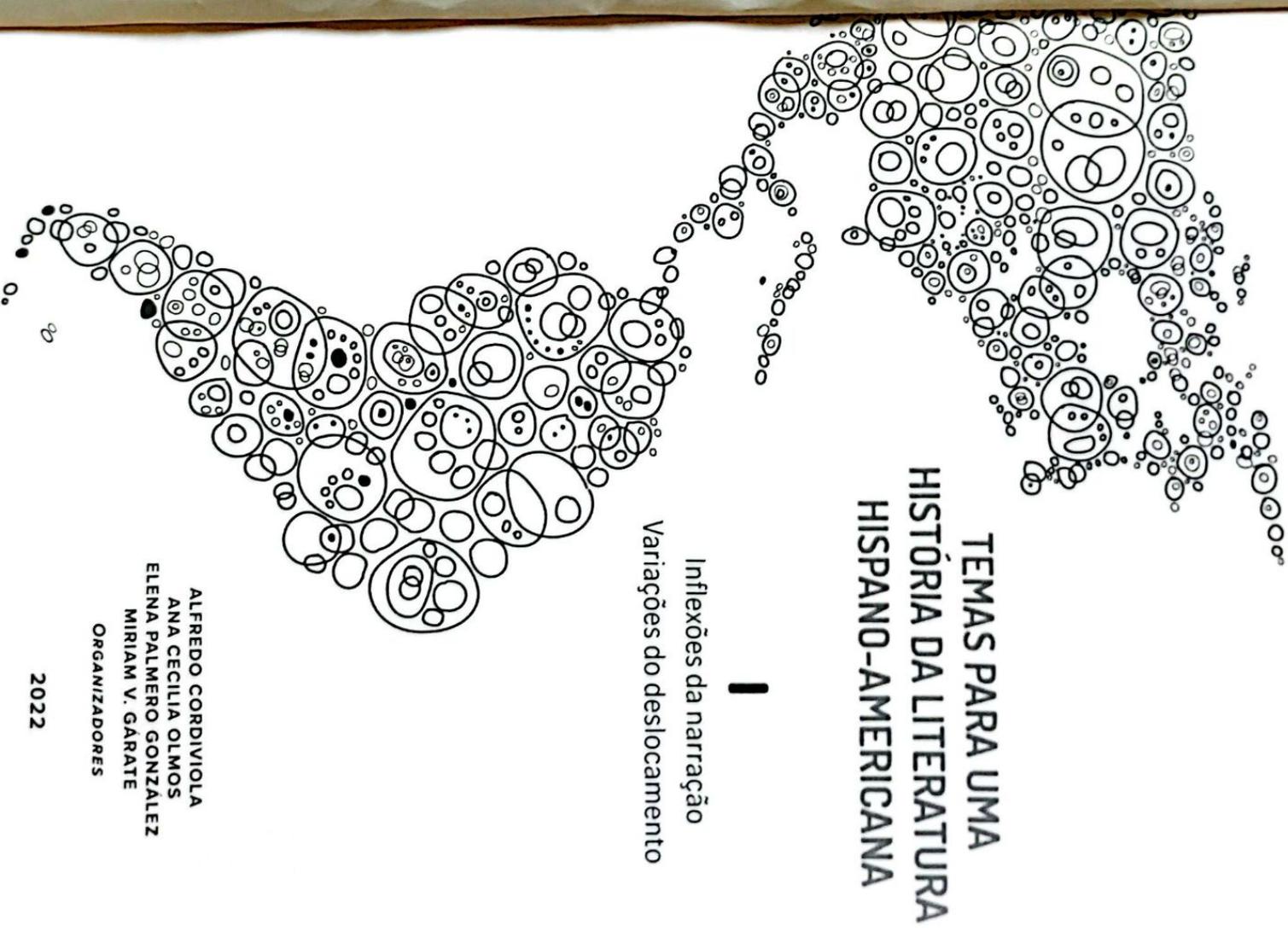
O presente trabalho foi realizado com apoio

Da Universidade Federal de Pernambuco
(Edital UFPE-PROPG nº 02/2021)
Da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001
Do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispânica Americana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo
CAPES/PROAQ - Proc. 88981/59351/2020/01

1278	Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (MÓDULO BRASLIM, Belo Horizonte/MG)
	1. Temas para uma história da literatura hispano-americana. História da narração/Variações do deslocamento / Organizadores: Alfredo Cordivola. - Rio de Janeiro: Letrai, 2022. 2. 16 x 24 cm. - (Temas para uma história da literatura hispano-americana. v. 1)
	Inclui bibliografia.
	ISBN 978-65-87422-27-5
	1. Literatura hispano-americana -- História e crítica. I. Cordivola, Alfredo. II. Olmos, Ana Cecília. III. Gonzalez, Elena Palmero. IV. Garate, Miriam V.
	CDD 860.9
	Elaborado por Maurice Amorim Junior - CRB8/2422


www.editorialetrai.com.br
CNPJ 12.062.268/0001-37
letrai@editorialetrai.com.br
(51) 3372-9222
Rua Lopo Gonçalves, 554
90050-350 Porto Alegre/RS

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser copiada e distribuída, seja por meio impresso ou digital sem a expressa autorização da editora



TEMAS PARA UMA HISTÓRIA DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA

Inflexões da narração
Variações do deslocamento

ALFREDO CORDIVOLA
ANA CECÍLIA OLMOs
ELENA PALMERO GONZALEZ
MIRIAM V. GARATE
ORGANIZADORES

2022

Apresentação

Este volume de *Temas para uma história da literatura hispano-americana* reúne um conjunto de 19 textos organizados em torno de duas das nove linhas que integram o projeto. A primeira linha, “Inflexões da narração”, explora diversas formas e modos narrativos, assim como conceitos teórico-críticos associados a essas manifestações: no primeiro capítulo, a sátira produzida na Nova Espanha, veículo de uma crítica social que flagra as contradições e disparidades do sistema colonial; no segundo, as crônicas vinculadas à constituição de centros urbanos durante a conquista e a colônia, narrativas que assumem a relação tanto de aspectos oficiais como de pormenores da vida cotidiana e das transformações que dariam lugar ao modelo da cidade letrada; no terceiro, a imbricação do histórico e do político no romance do século XIX, gênero incumbido de criar um passado para as nações recém surgidas e educar os cidadãos à luz dos projetos do presente.

As aproximações propostas nos quatro capítulos seguintes focalizam diversas inflexões da narração a partir de categorias teórico-críticas que propuseram horizontes interpretativos fecundos para parcelas importantes da produção literária do século XX: as múltiplas possibilidades abertas pela noção de espaço como dispositivo de releitura dos arquivos hispano-americanos e ensaio de novas agrupações textuais; o conjunto de escritos congregados em torno da categoria do insólito e suas variações (o fantástico, o maravilhoso, a ciência ficção, o estranho), que ganham importância na produção dos modernistas instituindo um contrapeso com a tradição realista, para emergir novamente com particular intensidade em meados do século XX no Rio da Prata e na zona do Caribe, na qual são cunhados outros conceitos como os de real maravilhoso e realismo mágico.

O sexto capítulo oferece uma explanação do conceito de romance-argutivo, forma síntese que reativa expressões narrativas precedentes (das crônicas da descoberta e da conquistista ao discurso de viajantes, cientistas e antropólogos), fazendo da autorreflexividade um traço constitutivo que

comparece nos principais romances do século XX. O sétimo indaga, em contrapartida, as formas breves como exercícios de experimentação que desarticulam tipologias de gênero e compreendem, para além do conto, diversas expressões: a crônica, os jogos vanguardistas com o aforismo ou a *gregueria*, o ensaio breve, práticas que permeiam a literatura hispano-americana do século XX e abrem, legitimando sua disseminação, o XXI.

Os três últimos capítulos da linha “Inflexões da narração” voltam-se para manifestações de um período mais recente. O oitavo examina a passagem da matriz do testemunho revolucionário para o paradigma da narrativa de matriz humanitária no marco dos processos de reinstitucionalização democrática do continente a partir da literatura produzida por filhos e filhas de revolucionários desaparecidos e de militares. O nono percorre uma vasta produção escrita contemporânea que problematiza e amplia suas fronteiras por meio de múltiplas representações da violência: da figuração cifrada das obras dos períodos ditatoriais aos textos posteriores que incorporam procedimentos do neopolicial, da chamada narcotráfica à literatura que aborda a violência de gênero desarticulando o arquivo patriarcal. Por fim, o décimo capítulo aborda algumas produções contemporâneas sob o prisma das operações de fuga da especificidade, que interpelam aspectos relevantes de nossa tradição literária e crítica: as relações de pertencimento e a porosa configuração cultural latino-americana, a preocupação formal e a problematização dos limites entre ficção e realidade, os trânsitos entre escritura e experiência.

A segunda linha temática que integra este livro, “Variações do deslocamento”, cartografa um amplo espectro de deslocamentos (corpos, línguas, bens culturais, tradições, teorias) e suas hibridações e rearticulações ao longo do tempo em diferentes produções culturais. O capítulo inicial examina as chamadas crônicas etnográficas dos missionários que, interessados na legitimação da conquista e na evangelização dos povos conquistados, orientam seu olhar para o “outro” e empreendem um singular estudo das culturas locais, iniciando um trabalho pioneiro de interculturalidade compilado nesses escritos. O segundo capítulo da linha acompanha a construção de um conhecimento global entre três grandes regiões planterárias (América, Europa e Ásia Oriental) que por volta de 1492 viviam quase isoladas e nos três séculos seguintes seriam palco de circulação de produtos, populações e informação transformando drasticamente o mundo. Na formação dessas redes frequentemente coube ao mundo hispano-americano o papel de mediador. O terceiro capítulo lê os escritos do Inca Garcilaso no entre-lugar desenhado pela tensão entre as pulsões do mestiço e do migrante.

Partindo da reflexão sobre as origens políticas da figura do exilado, o quarto capítulo da linha “Deslocamentos” explora a tradição do exílio na literatura hispano-

americana, as polémicas suscitadas e os trabalhos teórico-críticos sobre o tema. Embora o foco incida, em um segundo momento, sobre a ficção e a crítica argentinas dos anos 1970 e 1980 em diante, examinam-se continuidades e descon continuidades com períodos anteriores (em especial, a tradição dos escritores proscritos do século XIX), assim como deslocamentos transatlânticos de direção contrária que motivaram outros exílios, como foi o caso dos republicanos espanhóis. No capítulo seguinte, em diálogo com a noção de extraterritorialidade proposta por George Steiner (1990), que posiciona o exílio como figura central dos deslocamentos linguísticos do século XX, estudam-se escritores modernos que na condição de emigrantes ou imigrantes produzem sua obra na alteridade dos padrões linguístico-normativos, desestabilizando o paradigma de unidade linguística que até hoje continua a ser pensado como central na constituição do campo literário latino-americano. Trata-se de cartografar essas escritas extraterritoriais na literatura latino-americana do século XX e suas formas singulares de contestação à um cânone monolíngue nacional.

Os capítulos seguintes dessa linha estão dedicados a estudar a literatura hispano-americana que cresce vigorosa em ambientes não hispânicos das Américas. Aqui o foco se desloca para as experiências diaspóricas e de fronteira, estudando-se comunidades literárias que foram se institucionalizando nos espaços da América do Norte e hoje resultam em potentes sistemas literários. O primeiro desse núcleo é uma revisão atualizada do processo de formação e desenvolvimento da literatura chicana; o seguinte está focado na maior e mais tradicional comunidade literária hispano-americana nos Estados Unidos, a hispano-caribenha, fazendo uma releitura crítica do processo dessa literatura nos séculos XIX e XX; na sequência, outro capítulo oferece um panorama das comunidades diaspóricas latino-americanas nos Estados Unidos para imediatamente centrar a reflexão nas coordenadas temporais do século XXI e fazer um sugestivo recorte de raça e gênero em sua leitura. Esse corte metodológico atenta para um singular problema teórico que nos leva a repensar na emergência de novas formas de pertencimento comunitário que comparecem na contemporaneidade no âmbito das culturas diaspóricas, não mais focadas nos paradigmas do nacional, e reconhecível em outras configurações comunitárias (lésbicas, gays, afrolatinoamericanas, dentre outras). Fecha essa linha, e o volume, um capítulo dedicado ao estudo da produção de escritores diaspóricos, biculturais, bilingües (às vezes trilingües), que desenvolvem formas variadas de translingüismo literário, articulando a autotradução a sua prática translingue. São escritores radicados nos Estados Unidos e no Canadá, que fazem de seu translingüismo uma poética da escrita. Evidentemente, trata-se de um *corpus* que corrói formas canonizadas de pensar a comunidade literária, ainda atreladas aos modelos essencialistas de unidade linguística e territorial.

Todos os capítulos do tomo partilharam uma metodologia comum no seu desenvolvimento formal. Nesse sentido, o leitor dispõe, em todos os casos, de uma bibliografia complementar para o tema estudado. Trata-se de um material bibliográfico não referido no capítulo, mas que são recomendações valiosas do autor para complementar os estudos do tema.

A organização do material no sumário de cada tomo corresponde a uma trama de leitura que os organizadores desejam compartilhar com o leitor. Tome-se como uma proposta, obviamente, pois, acompanhando o espírito de toda a coleção, caberá ao leitor traçar suas cartografias de leitura, suas conexões e suas próprias tramas.

Alfredo Cordiviola

Ana Cecilia Olmos

Elena Palmero González

Miriam V. Garate

Sumário

Volume I

Temas para uma história da literatura hispano-americana.	7
Sobre esta coleção	13
Apresentação	13

Inflexões da narração

Formas do vilipêndio: a tradição satírica novo-hispana	19
<i>Theresa Katarina Bachmann</i>	
Histórias da cidade: o caso de Potosí	35
<i>Vinicius de Paula Aragão</i>	
Tramas da ficção: o romance do século XIX entre o histórico e o político	53
<i>Brenda Carlos de Andrade</i>	
Lugares do espaço nas literaturas hispano-americanas	73
<i>Laura Janina Hosjasson</i>	
Variações do insólito ficcional na narrativa hispano-americana	93
<i>Rafael Gutiérrez</i>	
O romance-arquivo	109
<i>Roberto González Echevarría</i>	
Formas breves, livros descontínuos	125
<i>Ana Cecilia Olmos</i>	
Narrativas pós-ditatoriais: a literatura de filhos/as	147
<i>Teresa Basile</i>	
Violência e literatura	169
<i>Victor Lemus</i>	
Escritas inespecíficas na narrativa hispano-americana	189
<i>Wanderlan Alves</i>	

Variações do deslocamento

Historiografias do Outro: as crônicas etnográficas	211
<i>Juan Ignacio Jurado-Centurión López</i>	
Redes planetárias: o primeiro intercâmbio global do saber	227
<i>Antonio Calvo Maturana</i>	
Escrever longe da pátria: Inca Garcilaso	249
<i>Vanina M. Teglia</i>	
Cenas do exílio e literatura hispano-americana	265
<i>Silvia Cárcamo</i>	
Escritas extraterritoriais na segunda metade do século XX	285
<i>Pablo Gasparini</i>	
A literatura hispano-caribenha nos Estados Unidos (séculos XIX e XX)	305
<i>William Luis</i>	
A literatura chicana: notas para uma releitura histórico-literária	325
<i>Héctor Calderón</i>	
Raça e gênero: tensões identitárias na literatura da diáspora hispano-americana nos Estados Unidos	343
<i>Livia Santos de Souza</i>	
Escritas translíngues e comunidades diaspóricas hispano-americanas contemporâneas	361
<i>Elena Palmero González</i>	
Os Autores	381

Autores 2022

Organização

Alfredo Cordivola
Ana Cecília Olmos
Elena Palmero González
Miriam V. Garate

Produção Editorial

Aline Pereira de Barros | Letra1

Revisão

Aline Pereira de Barros
Luisa Hall
Paulo de Toledo

Capa e Projeto gráfico

Marta Zimmermann

Diagramação

Juliana Carneiro

Impressão

Pantstone

Conselho Editorial

Adriana Dorfman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Anderson Zaleski Vargas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Herman Venegas Marcelo
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Marcelo Jacques de Moraes
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marcio Silveira Lima
Universidade Federal do Sul da Bahia
Miriam V. Garate
Universidade Estadual de Campinas
Regina Coeli Machado e Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Regina Zilberman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Comitê Avaliador

Carlos Alexandre Baumgarten
Maira Eunice Moreira
Regina Zilberman
Zila Bernd

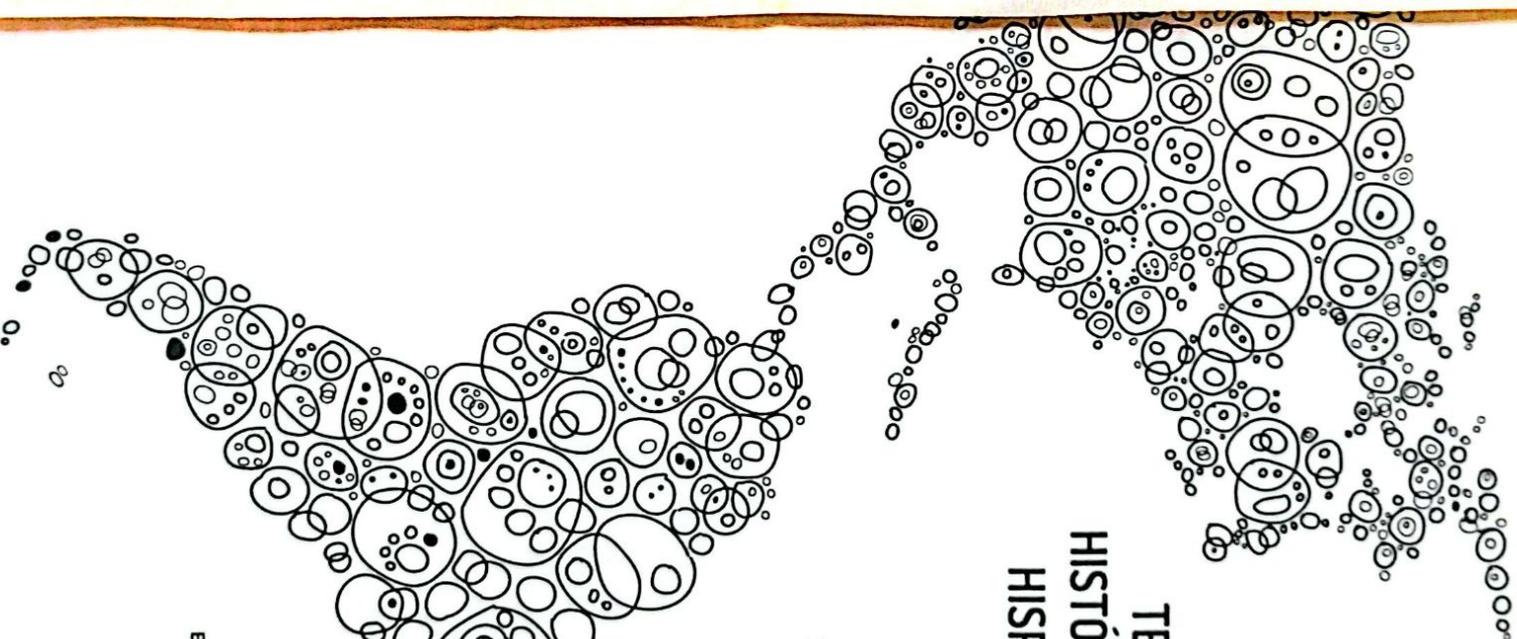
O presente trabalho foi realizado com apoio:

Da Universidade Federal de Pernambuco
[Edital UFPE-PROPG nº 02/2021]
Da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001
Do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) UNICAMP
AUXÍLIOS PPGEX/0731/2020 - FINEC - 23038/08166/2020-78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (EDOC BRASIL - Belo Horizonte/MG)
1278
Temas para uma história da literatura hispano-americana. In: História da literatura hispano-americana / Organizadora Aline Cordivola [et al.] - Porto Alegre: Letra1, 2022. 340 p. : 18 x 24 cm. - (Temas para uma história da literatura hispano-americana. v. 2)
Índice bibliográfico ISSN 978-65-87422-76-8
1. Literatura hispano-americana -- História e crítica. I. Cordivola, Aline. II. Olmos, Ana Cecília. III. González, Elena Palmero. IV. Garate, Miriam V. CDD AB619
Elaborado por Mauricio Anomino Junior - CBRB742Z


www.editorialetra1.com.br
CNPJ 12.062.266/0001-37
letra1@editorialetra1.com.br
(51) 3372-9222
Rua Lopo Gonçalves, 554
90050-350 Porto Alegre/RS

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser copiada e distribuída, seja por meio impresso ou digital, sem a expressa autorização da editora.



TEMAS PARA UMA HISTÓRIA DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA



Inscrições do sujeito
Redes do literário

ALFREDO CORDIVOLA
ANA CECÍLIA OLMOs
ELENA PALMERO GONZÁLEZ
MIRIAM V. GARATE
ORGANIZADORES

2022

Apresentação

Este segundo volume está formado por duas linhas temáticas que dialogam, se complementam e se interpelam entre si e com os outros eixos que articulam toda a coleção. Neste caso se trata de explorar dois vastos campos de observação que permitem analisar transversalmente diversas tradições da literatura hispano-americana: por um lado, as múltiplas formas em que se inscrevem as subjetividades nos textos, e por outro, as heteróclitas constelações em que essas produções estão instaladas e pelas quais transitam e teimam em perdurar ao longo do tempo.

Em “Inscrições do sujeito”, a primeira dessas continuidades postuladas neste livro, são abordados alguns dos possíveis modos em que surge e se insurge a sempre fantasmática presença de uma primeira pessoa. Essa voz que proclama as tiranias do eu para autorizar e autorizar-se, para legitimar o visto e o anunciado, e para criar as lógicas da verossimilhança que permitem sustentar todo pacto de leitura pode ser rastreada por meio dos mais variados gêneros e configurações. No marco da produção letrada americana, um desses modos em que impera a primeira pessoa é a chamada Crônica de Índias, objeto do capítulo que abre este volume. Entre revelações de um mundo novo, invenções e retratos de realidades ignoradas ou apenas imaginadas pelos leitores, ilusões, projeções e fantasias, o olho e a presença são os instrumentos que legitimam uma narrativa que, mesmo promovendo assombros ou evocando crassas fábulas, parece estar sempre validada pela condição testemunhal de quem escreve.

Nos tempos coloniais, outras duas formas da prosa que orbitam ao redor da primeira pessoa são as cartas escritas por missionários, no marco do projeto evangelizador que consagrava a conquista espiritual das populações americanas, e os diários e relações de acontecimentos relevantes (ou considerados pelo escrevente relevantes) que marcavam a vida cotidiana das cidades e dos reinos. O segundo capítulo aborda a intensa produção epistolográfica em que os membros das ordens religiosas

registravam os avanços e retrocessos na imposição do imaginário, dos dogmas e dos modos de vida cristãos; peticionavam e expunham propostas, dificuldades e carências ante as autoridades eclesiásticas e civis; descreviam as minúcias da vida nas missões, conventos e colégios; informavam acerca dos métodos e instrumentos utilizados para propagar a fé e combater idolatrias; realfirmavam os desígnios e intervenções da Providência. São cartas que deixam transluzir a mão do autor que assina, mas também uma voz coletiva – franciscana, jesuíta, dominicana, agostinha – que está sempre implícita ou explicitamente presente nas linhas e entrelinhas das missivas.

Diferente é a forma em que se inscreve o sujeito nos diários escritos no período colonial. Conforme analisado no terceiro capítulo, os diários obedecem a múltiplos propósitos, apesar de serem identificados por essa mesma palavra – diários –, que é, em todo caso, equivocada e polissêmica. Podiam responder às necessidades de registrar eventos atrelados a um itinerário; obedecer a reelaborações poéticas ou historiográficas; servir como compilação de experiências místicas nos conventos femininos, ou, como será mais comum nos séculos XVII e XVIII, elencar sucessos corriqueiros e notáveis que ocorriam na vida pública, tanto relativos às classes dominantes quanto às pulsões da plebe. Em cada um desses casos, a função e as atribuições da primeira pessoa são claramente diferentes; no entanto, todos apresentam um elemento em comum: a urgência por escrever, escrever apesar de tudo, para alguém ou para ninguém, escrever e continuar escrevendo.

O quarto capítulo reflete sobre as escritas autobiográficas no lapso compreendido entre o século XIX e o presente, examinando suas diversas modulações: a interseção entre política e relato biográfico dos textos do XIX, marcados pelo propósito de intervenção na esfera pública, traço compartilhado com o romance do período; a afirmação da autobiografia como gênero fundado na história do indivíduo e já não como sinédoque da coletividade no século XX, processo que abre caminho ao surgimento de escritos nos quais as “memórias de infância” ganham relevância; a expansão e heterogeneidade de textos articulados em torno do eu a partir das últimas décadas do século XX, multiplicidade caracterizada, no entanto, pela comum indagação acerca das interseções ficção/memória, da noção de verdade e da figura de autor.

O quinto capítulo examina as continuidades e descon continuidades legíveis na produção tanto dos escritores-cronistas hispano-americanos de finais do século XIX e inícios do XX, como dos “escritores crônicos” da transição dos séculos XX/XXI, levando em conta as tensões entre autonomia e heteronomia nesses contextos, as estratégias de autofiguração do sujeito e de figuração de sua textualidade híbrida, assim como as formas de diálogo e de criação de comunidade instauradas em ambos os momentos. Percorre-se com esse propósito um corpus textual indissociável do

exercício diacrônico, vinculado à cidade em processo de modernização e à megalópole pós-moderna das últimas décadas.

No capítulo seguinte, trata-se de uma ampla revisão crítica e metacrítica do testemunho hispano-americano. A autora faz uma revisão dos problemas clássicos que acompanham o estudo do gênero nas últimas décadas do século XX e reatualiza o tema no século XXI, à luz de um novo contexto: o de uma época marcada pela sedução da memória, atravessada pelo trânsito e arquivamento incessante de informações do mundo digital, e definitivamente caracterizada pela emergência de novas subjetividades e novas vozes que solicitam um olhar interseccional do testemunho.

A discussão que segue apresenta um instigante percurso pelas posições teóricas e críticas que, nas últimas décadas, debateram acerca do predomínio do sujeito nas práticas de escrita contemporâneas que experimentam com as mais diversas formas do discurso autobiográfico. Dentre as muitas estratégias de escrita que exploram a ambiguidade entre autor e narrador, experiência e narração, aborda-se a noção de autoficção e se indaga sobre o alcance de suas potencialidades nos dias de hoje.

Fechando esta série centrada no sujeito, o oitavo capítulo explora diversas manifestações do jornalismo literário dos séculos XX e XXI, indagando as funções do “olhar” (sua potência, mas também suas insuficiências) e da “escuta” (procedimento que convoca a voz do outro) em um espectro variado de textos, nos quais a introdução de um “suplemento de subjetividade” e a explicitação dos artifícios da escrita interpelam a objetividade dura do discurso noticioso, sem deixar de reivindicar, no entanto, um estatuto não ficcional.

A outra linha temática que compõe este livro, “Redes do literário”, foca os modos de circulação, as tarefas da crítica e dos incipientes ou consolidados mercados editoriais, e as releituras, coleções e traduções que, ao longo dos séculos, vinculam a produção letrada com formas institucionais de divulgação e proliferação de sentidos. A linha se abre com um estudo acerca da história do livro nos vice-reinados do México e do Peru. A procedência dos livros que formaram as primeiras bibliotecas conventuais e privadas, as relações globais do sistema-mundo em formação que impelam a elaboração e o comércio dos volumes; a criação de casas impressoras que dão origem à produção editorial americana, o consumo, a venda e distribuição dos exemplares, as inspeções e interdições inquisitoriais; a paulatina formação de um público leitor são alguns dos aspectos centrais que o capítulo descreve.

A seguir são analisadas as características e as eminentes funções cumpridas pela imprensa ilustrada durante o século XVIII, encarregada da difusão e consolidação de um programa iluminista e modernizante, visto como remédio exemplar contra os fantasmas do atraso que assolavam o mundo hispânico e como garantia de prosperidade e de futuras felicidades para os reinos e os habitantes incluídos nessa órbita. Os

periódicos que proliferaram na época em capitais e cidades americanas cumprem atividades notadamente relevantes na consolidação dos respectivos campos intelectuais, na formação de uma classe letrada capaz de pensar a pátria e a condição *criolla* em outros termos, na difusão de novas ideias e nas consequentes capacidades de polemizar contra (mas também de referendar) as verdades estabelecidas nos campos da ciência, da biopolítica, da pedagogia, do urbanismo e do controle social.

O capítulo seguinte destaca o protagonismo que assumiram as revistas literárias e culturais ao longo do século XX, entendidas como campos discursivos nos quais se debateram posições intelectuais e artísticas e se traçaram redes de ordem política, estética e afetiva em diferentes contextos históricos. Não se trata, contudo, de um levantamento panorâmico dessas publicações, mas de uma revisão dos modos em que foram estudadas; isto é, das diferentes perspectivas teórico-críticas que, sobretudo nas últimas décadas, foram confluindo em um objeto de pesquisa peculiar, cuja complexidade demanda um trânsito por saberes diversos, que põe em xeque as especificidades disciplinares.

A construção de profusos catálogos americanos e americanistas é o tema abordado na continuação. O texto analisa as tarefas empreendidas por vários intelectuais que, guiados por esse objetivo, procuraram editores ou assumiram eles mesmos essa função, numa espécie complementar da atividade crítica, do jornalismo e do ensino. Ruíno Blanco Fombona realizou um primeiro empreendimento editorial com a criação, em Madrid, do Editorial América; Pedro Henríquez Ureña pensou outro projeto a pedido de um mexicano, Daniel Cosío Villegas, a Biblioteca Americana do Fondo de Cultura Económica; e Angel Rama dirigiu a Biblioteca Ayacucho. Esses três grandes projetos editoriais são vistos como momentos de articulação da grande e necessária biblioteca americana, descrevendo as redes intelectuais que possibilitaram a consolidação desses projetos, e frisando os resultados obtidos: a criação de vastas redes de leitura da nossa literatura.

Outra das formas em que se abordam as redes literárias diz respeito aos trânsitos entre línguas e literaturas que o trabalho da tradução possibilita. Nessa linha de indagação, o capítulo analisa os textos ensaísticos em que os escritores de ficção e os poetas refletem sobre a prática da tradução, atendendo às relações que esse labor que os defronta com o outro estabelece com a singularidade de seus projetos criativos e as tradições literárias nas quais estão inseridos.

O capítulo seguinte estuda redes que se articulam a partir de vínculos afetivos e estéticos entre escritores em deslocamento cultural. Trata-se de atores que estabelecem laços por meio da escrita, do gesto, da imagem e da voz. Evidenciando relações entre arte e vida, criação e crítica, produção individual e coletiva, participam em antologias, revistas, editoras, oficinas, companhias, coletivos e residências. Não formam um grupo,

mas se inserem em redes singulares; assim, favorecem uma escrita nômade, des(re)territorializando o que se entende tradicionalmente por literatura.

O surgimento e a evolução das revistas digitais de cultura e literatura é objeto do penúltimo capítulo. Partindo da herança legada na esfera pública pelas publicações periódicas impressas, são analisadas as transformações operadas pela interrupção do novo suporte em termos de temas e estéticas, de modalidades de discussão pública, de políticas de publicação, de exercícios de experimentação, autoidentificação e posicionamento. O problema do arquivo, pensado à luz da transitoriedade e do caráter inconclusivo e aberto dos objetos digitais, também é contemplado neste capítulo, que fornece, por outro lado, uma valiosa relação de revistas digitais hispano-americanas.

Finalizando, as últimas páginas deste volume oferecem uma reflexão acerca das experiências de escrita em situações de privação da liberdade e articulam, assim, outras redes possíveis que ampliam e, sobretudo, interpelam os sentidos estabelecidos do literário. Desse ponto de vista, a abordagem não se limita às tensões entre escrita e prisão do âmbito letrado; abre a reflexão à heterogeneidade e às divergências que permeiam as comunidades do cárcere, incorporando as experiências de escrita de sujeitos escravizados, presos comuns e de mulheres em privação de liberdade. O percurso que permite traçar essa noção de escritas carcerárias atravessa os séculos XIX e XX e conclui nas atividades literárias que atualmente se levam adiante em vários presídios da América Latina.

Considerando a amplitude dos temas aqui abordados e o vasto conjunto de problemas que apresentam, podemos dizer que este segundo volume, como os outros que compõem esta coleção, está de fato feito de muitos temas. A partir de cada capítulo e de cada reflexão surgem fugazes iluminações e vias de sentido que se afastam e se reconectam em modos que cada leitor, e todos seus leitores, virão a elaborar. Essa capacidade talvez seja a principal virtude destas páginas; provavelmente não será a única.

Alfredo Cordiviola
Ana Cecilia Olmos
Elena Palmero González
Miriam V. Garate

Sumário

Volume II

Redes do literário

Temas para uma história da literatura hispano-americana.	
Sobre esta coleção	7
Apresentação	13
Inscrições do sujeito	
Cronistas de Índias: cartógrafos da imaginação e do real	21
<i>Vanina M. Teglio</i>	
Cartas missionárias, instrumentos da evangelização	39
<i>Juan Ignacio Jurado-Centurión López</i>	
Observação do mundo, observação de si: vozes e registros nos diários coloniais	59
<i>Alfredo Cordiviola</i>	
Em torno do eu: escritas autobiográficas na literatura hispano-americana	75
<i>Adriana Kanzeppolsky</i>	
A crônica hispano-americana entre dois séculos	95
<i>Miriam V. Garate</i>	
O testemunho hispano-americano	115
<i>Elzbieta Sklodowska</i>	
Depois da guinada subjetiva: autoficção	137
<i>Luciene Azevedo</i>	
Jornalismo literário, entre o olhar e a escuta	157
<i>Diogo de Hollanda</i>	

O circuito do livro nos vice-reinados da Nova Espanha e do Peru	175
<i>Pedro M. Gurbovich Pérez</i>	
Imprensa ilustrada na América Hispânica dos Setecentos	193
<i>Amanda Brandão Araujo Moreno</i>	
Revistas literárias e culturais do século XX	213
<i>Roxana Patiño</i>	
Coleções americanas: livros e comunidades de leitura (1920-1983)	233
<i>Pablo Rocca</i>	
Escritores tradutores: diálogos literários e culturais	251
<i>Livia Grotto</i>	
Redes literárias singulares e escritas nômades	273
<i>Isabel Jasinski</i>	
Revistas digitais de cultura e literatura	293
<i>Diego Vigna</i>	
Reflexões sobre literatura e cárcere na América Hispânica	315
<i>Cristiane Chechia</i>	
<i>Mario René Rodríguez Torres</i>	
Os Autores	335

© Autores, 2023

Organização

Alfredo Cordivola
Ana Cecília Olmos
Elena Palmero González
Miriam V. Garate

Produção Editorial

Aline Pereira de Barros | Letrai

Revisão

Luisa Hall

Capa e Projeto gráfico

Marta Zimmermann

Diagramação

Juliana Carneiro

Impressão

Printstore

Conselho Editorial

Adriana Dorfman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Anderson Zaleski Vargas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Herman Venegas Marcelo
Universidade Federal da Integração Latino-Americana
Marcelo Jacques de Moraes
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marcio Silveira Lima
Universidade Federal do Sul da Bahia
Miriam V. Garate
Universidade Estadual de Campinas
Regina Coeli Machado e Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Regina Zilberman
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Comitê Avaliador

Carlos Alexandre Baumgarten
Maria Eunice Moreira
Regina Zilberman
Zilá Bernd

O presente trabalho foi realizado com apoio:

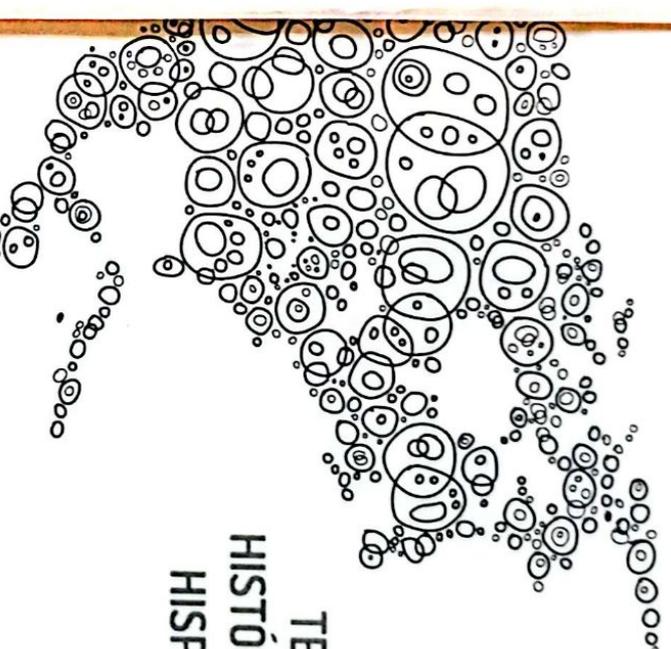
Da Universidade Federal de Pernambuco
(Edital UFPE PROPG nº 02/2021)
Da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001
Do Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano Americana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo
CAPES/PROAD – Proc. 8881/69394/2022.01

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
(CIPOL BRASILL, Belo Horizonte/MG)	
1778	Temas para uma história da literatura hispano-americana: impugnações das margens: modos da poesia / Organizadores Alfredo Cordivola... [et al.] - Porto Alegre, RS: Letrai, 2023. 16 x 24 cm. - (Temas para uma história da literatura hispano-americana, v. 3)
	Inclui bibliografia. ISBN 978-65-87422-30-5
	1. Literatura hispano-americana - História e crítica. I. Cordivola, Alfredo. II. Olmos, Ana Cecília. III. González, Elena Palmero. IV. Garate, Miriam V.
	CDD 860.9
	Elaborado por Maurício Amorim Junior - CBB02422



www.editorialetrai.com.br
CNPJ 12.062.768/0001.37
letrai@editorialetrai.com.br
(51) 3312.9222
Rua Lopo Gonçalves, 554
90050-350 Porto Alegre/RS

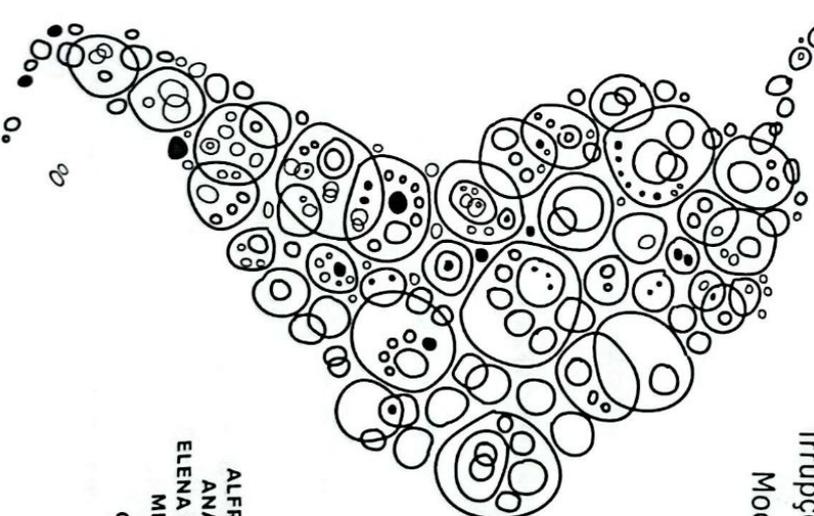
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser copiada e distribuída, seja por meio impresso ou digital sem a expressa autorização da editora.



TEMAS PARA UMA HISTÓRIA DA LITERATURA HISPANO-AMERICANA



Irrupções das margens
Modos da poesia



ALFREDO CORDIVOLA
ANA CECÍLIA OLMOs
ELENA PALMERO GONZÁLEZ
MIRIAM V. GÁRATE
ORGANIZADORES

2023

Apresentação

Como os dois primeiros, este terceiro volume de *Temas para uma História da literatura hispano-americana* também se articula em torno de duas linhas temáticas: “Irrupções das margens” e “Modos da poesia”. Em “Irrupções das margens” são apresentadas e discutidas algumas das manifestações literárias excluídas, subalternizadas ou ignoradas pelas instâncias de reconhecimento e consagração que historicamente legitimam os respectivos cânones de cada época e de cada comarca das letras latino-americanas. Trata-se de vozes e de produções que oferecem visões alternativas, contestatárias, desviantes, e que parecem estar falando sempre *de uma outra forma*, e também *a partir de um outro lugar*, um lugar que essas vozes e produções tiveram antes de tudo que inventar e instituir, a modo de condição de possibilidade para a existência mesma dos seus próprios discursos.

De maneira quicá previsível, o capítulo que inaugura esta série se refere a um conjunto de textos escritos no México no século XVI, nas décadas imediatamente seguintes à destruição de Tenochtitlan e à instauração da dominação espanhola. Elaborados por indígenas que se haviam apropriado da escrita alfabética, ferramenta do invasor, para rememorar e deixar constância dos trágicos episódios da Conquista, seriam reunidos pelo ilustre Miguel León-Portilla sob o perdurável título de “Visão dos vencidos”. Produto de distintas articulações entre a letra e a voz, entre enunciações de primeiras e terceiras pessoas, entre a imediatez do testemunho e as concatenações temporais da narrativa histórica, esses textos representam aqueles acontecimentos em perspectivas que, apesar de se referirem aos mesmos “fatos”, estão nas antipodas da apologetica da intrusão e das épicas da guerra exaltadas nos relatos dos soldados e cronistas europeus. Essa mesma necessidade e uma semelhante vocação de contar as coisas de outro modo, ou em defesa de outros interesses e pontos de vista, serão os alicerces das crônicas históricas de tradição indígena e mestiça do período colonial, que, do México ao Peru, de *Unos Anales históricos de la nación mexicana* a Titu Cusi Yupanqui, do *Códice Florentino* a Guamán Poma de Ayala, são abordadas no segundo capítulo. Utilizar a escrita e a

imagem como instrumentos por excelência de argumentação, como recursos para evocar passados e reafirmar direitos presentes, são também características definidoras dos chamados “Títulos primordiales”, analisados no terceiro capítulo. Trata-se de documentos de caráter público, de autoria geralmente múltipla e anônima, que eram apresentados perante as autoridades da Nova Espanha com o objetivo de comprovar e preservar a posse das terras de uma determinada comunidade. Escritos com urgência, no momento de um perigo e em situação de litígio, esses textos, que costumam incluir mapas dos territórios em disputa, são também evocações históricas que reconstróem os passados comuns de cada *pueblo* para reivindicar, com maior ou menor fortuna, seu lugar no mundo diante das constantes ameaças impostas pela ordem colonial.

O ideário independentista que, entre finais do século XVIII e inícios do XIX, agitou a sociedade da América Hispânica, impulsionando e dando lugar após cruentas batalhas à declaração de sua soberania política, abriu um horizonte histórico que prometia deixar para trás as submissões da ordem colonial. No entanto, apesar das radicais mudanças que esses novos tempos comportaram para a região, certas estruturas de poder, sustentadas fundamentalmente no exercício da letra e no predomínio da língua do colonizador, projetaram-se nas sociedades republicanas dos diferentes países, prolongando lógicas de exclusão social e subalternização cultural. Embora os processos históricos posteriores à independência política tenderam a configurar formas de vida mais igualitárias, essas lógicas de exclusão e subalternização continuaram vigentes e reconhecem-se até hoje, inscrevendo na literatura uma dimensão conflitante que visibiliza as diferenças culturais e as desigualdades sociais que elas comportam.

Dessa perspectiva, o quarto capítulo desse volume aborda a poesia *gauchesca* do Rio da Prata, atendendo tanto a seu momento de emergência junto das lutas pela independência política, quanto às variantes que assume ao longo do século XIX. À luz de reflexões já clássicas sobre o tema, como as de Borges, Ludmer ou Schwartzman, salientam-se os diversos usos que o campo letrado fez da voz do *gaucho* em função de seus interesses políticos. Ainda que a poesia *gauchesca* se apresente como uma produção literária marcadamente datada, o capítulo mostra as instigantes projeções que o gênero atinge nos séculos XX e XXI, em expressões poéticas e narrativas que reformulam, em função de contextos contemporâneos, as tensões culturais e sociais que o caracterizaram. Os quatro capítulos seguintes debruçam-se sobre produções discursivas que tornam dramaticamente visíveis as complexas relações entre letra e voz, entre língua espanhola e línguas originárias, entre razão ocidental e cosmovisões indígenas, nas quais se funda um segmento significativo da expressão literária do subcontinente. Nessa linha de investigação, o quinto capítulo reflete sobre as (im)possibilidades de pensar um sistema literário bilingue ou plurilingue no Peru, levando em conta o desafio que implica para qualquer projeto criativo não só a diversidade linguística da sociedade, mas sobretudo as hierarquias e desigualdades

culturais que a permeiam. Uma revisão das diversas políticas de escrita que, do século XVII até a contemporaneidade, formularam os escritores peruanos com vistas a articular as tensões entre línguas e cosmovisões, sinaliza a relevância que a questão comporta na configuração das literaturas andinas. O capítulo seguinte soma-se a essas reflexões, concentrando a leitura, porém, nas narrativas de ficção em língua espanhola produzidas por escritores que não possuem linhagem indígena, tais como Matto de Turner, López Albuja, Arguedas, Scorza, Roncagliolo, dentre outros. Da sensibilidade do indianismo do final do século XIX à dimensão crítica que o indianismo do XX instaurou na cena literária andina e que tem projeções nas produções literárias das últimas décadas, o capítulo expande um universo narrativo que, para além das limitações de suas perspectivas, trabalha em favor da desconstrução da “invisibilidade” dos povos originários. Já as diferenças entre indianismo e literaturas indígenas são abordadas no sexto capítulo, o qual indaga sobre as operações de tradução intercultural que fundam as práticas literárias dos escritores não-indígenas e as contrapõe às operações de auto tradução mediante as quais os escritores indígenas instauram uma soberania ameríndia na cena literária, tanto de um ponto de vista político, linguístico ou de gênero. Nesse sentido, traça-se um mapa de como as escritoras indígenas no Peru e no México atuais expressam suas próprias lutas sem necessidade de mediação alguma, questionando as diversas formas que pode assumir o colonialismo.

Assim como os capítulos anteriores, o sétimo também convoca o pensamento de Antonio Cornejo Polar em torno à pluralidade dos sistemas literários que convivem na cultura do subcontinente para desenvolver uma instigante reflexão sobre o exercício de tradução cultural e linguística na qual se firma a produção de escritores indo-americanos que assumem o espanhol como língua literária. Trata-se de experiências literárias bilingues, nas quais expressar-se na língua materna (maia, zapoteca, quéchua, mapuche ou guarani) e se auto traduzir à língua herdada do colonizador significa não só a afirmação de uma identidade etnocultural, mas também uma efetiva intervenção nas tensões glotopólicas continentais e nos debates estéticos do nosso tempo.

Uma leitura em diacronia do processo de configuração de uma literatura afro-latino-americana amplia a reflexão do volume sobre as vozes sociais e culturais marginalizadas pelos pressupostos tradicionais de configuração dos cânones. A análise que apresenta esse capítulo se desenvolve em duas direções: se por uma parte considera o universo da referência (e nesse caso estuda a obra de escritores brancos e afrodescendentes que escrevem sobre experiências e subjetividades afro-latino-americanas), por outra, se adentra no progressivo processo de integração da subjetividade e da voz afro-latino-americanas no discurso literário hispano-americano. Essa perspectiva descentrada permite ler essa cultura num duplo movimento, fora e dentro dos limites do corpo negro, fora e dentro dos paradigmas de representação nacional, incorporando também os debates sobre gênero, classe e raça. Na mesma

linha de indagação, o capítulo seguinte apresenta uma aguda crítica dos modelos historiográficos e crítico-literários latino-americanos tradicionalmente assentados na sacralização do saber logocêntrico do Ocidente, que oblitera ou desconhece as contribuições das culturas afrohispanicas no processo de configuração dos saberes humanísticos na América Latina. O estudo se aprofunda nas causas e consequências dessa colonização do imaginário latino-americano, recuperando valores do universo afrodescendente para a constituição de uma episteme que expresse a pluralidade das humanidades do subcontinente.

Essa linha temática encerra com um capítulo dedicado à progressiva transformação da cena literária na contemporaneidade, destacando o interesse crescente da crítica por estudar textualidades que não correspondem ao modelo letrado, branco e metropolitano que tradicionalmente estruturou a noção de literatura. Para tanto, abordam-se produções orais e performáticas que emergem nas periferias das cidades latino-americanas (com ênfase em São Paulo, Buenos Aires e Cidade do México), ativando repertórios que dinamitam os cânones, reorganizam o campo cultural e consequentemente demandam uma atenção especial da historiografia e da crítica literária.

Os dois primeiros capítulos da segunda linha temática, “Modos da poesia”, obedecem a uma relação complementar e se ocupam de um mesmo marco cronológico que se estende do século XVI ao XVIII. Por uma parte, são estudadas as elaborações poéticas pertencentes a tradições líricas consagradas, expressões que imitam, multiplicam e transformam gêneros e artifícios que já gozavam de vasta legitimidade e longa prosápia nas literaturas ocidentais. À épica, a poesia religiosa, as composições filosófico-morais, o panegírico foram profusamente cultivados nas letras coloniais, evidenciando as mais diversas articulações e releituras das tradições ibéricas, francesas e italianas que configuravam as práticas transnacionais da lírica renascentista e barroca. Por outra parte, é analisada toda uma outra produção, considerada talvez equivocadamente “menor” ou “de circunstâncias”, que é tão importante quanto a primeira para entender as regras e tensões dos campos intelectuais novo-hispanos e andinos, e as funções políticas que o dizer poético cumpria nessa máquina de palavras em que se sustentava a cidade letrada. Declamadas e ouvidas em praça pública, eram obras criadas por ocasião e encargo, recursos indispensáveis e sempre presentes em celebrações, exéquias e certames. Poesia efêmera, encomiástica e fortemente normatizada pelas convenções, seria composta tanto por autores notáveis, como Sor Juana ou Sigüenza e Góngora, quanto também por outros que ocupam pouco ou nenhum lugar nas histórias da literatura.

Os quatro capítulos seguintes dessa linha temática analisam tendências poéticas cruciais na literatura do subcontinente: o modernismo, as vanguardas, o coloquialismo, o neobarroco. Embora compreendam um arco de tempo que se estende de finais

do século XIX até a segunda metade do século XX, a perspectiva genealógica que prevalece em todos esses capítulos visibiliza operações interpretativas, tanto de resgate e recuperação de poéticas precedentes, como prolongações e desdobramentos que reverberam em produções contemporâneas.

A delimitação dos conceitos de modernidade, modernização e modernismo é o ponto de partida do capítulo que se debruça sobre o modernismo hispano-americano, buscando evadir uma concepção meramente estética dele e enfatizar, na esteira das reflexões propostas por Ángel Rama e Julio Ramos, entre outros críticos, a sua dimensão cultural. Perspectiva essa que conduz ao exame do modernismo enquanto resposta ao processo de modernização do continente e aos diversos processos sociais e econômicos que supõem a mercantilização da arte, a secularização da poesia e a transformação da escrita em produto. O capítulo orbita em torno das figuras incontornáveis de Rubén Darío e José Martí, mas não deixa de considerar outros nomes significativos (de Julián del Casal a Amado Nervo e Leopoldo Lugones), nem de observar a emergência da primeira onda do feminismo e das várias poetisas que despontam no período (Gabriela Mistral, Alfonsina Storni, Delmira Agustini, Dulce María Loyenz). Sem perder de vista o substrato cultural que alimenta as propostas poéticas, o capítulo seguinte aborda a irrupção das vanguardas de inícios do século XX, enfatizando a heterogeneidade de grupos, movimentos e individualidades que empreenderam os caminhos de uma subversão estética que teve profícuas projeções nas décadas seguintes. Esse momento chave da poesia hispano-americana é cartografado a partir de um diálogo estreito com a vasta biblioteca teórico-crítica que, ao longo de vários anos, se produziu em torno das vanguardas e que reúne estudos imprescindíveis como os de Nelson Osorio, Hugo Verani, Jorge Schwartz, Saul Yurkiewicz, dentre outros.

Num percurso cronológico que se aproxima de nossos dias, a linha temática continua com um estudo sobre os traços da poesia coloquialista que emerge no continente em meados dos anos 1950, quando as vanguardas dão sinais de esgotamento e um conjunto de escritores resgatam ou reinventam os vínculos entre poesia e cultura popular. A reflexão articula-se em torno de duas produções significativas da corrente coloquialista que reportam a diferentes momentos e encenam diversas estratégias: a do chileno Nicanor Parra em seus *Poemas e antipoemas* (1954) e a do argentino Juan Gelman em seu livro *Relaciones*, de 1973. O capítulo seguinte debruça-se sobre manifestações poéticas desse mesmo período, mas que adotam outros caminhos estéticos ao revalorizar o barroco para a expressão literária. A revisão dos textos fundantes de José Lezama Lima (1957) e Alejo Carpentier (1948) enfatiza tanto as inflexões culturalistas e a americanização dessas interpretações, como a sua interação com as poéticas vanguardistas europeias. Em um segundo momento, o capítulo avança em direção às formulações neobarrocas de cunho pós-estruturalista e psicanalítico elaboradas por Severo Sarduy na década de 1970 e, finalmente, envereda para os devires

transplatinos e neobarrocos, que tiveram na reflexão e na poesia de Perlongher um de seus principais representantes.

No intuito de aproximar a reflexão crítica e historiográfica das produções contemporâneas que desestabilizam as formas instituídas do literário, o volume apresenta também um capítulo dedicado ao *Poetry Slam* na América Latina, o que caracteriza, com minuciosidade, o evento que mobiliza essas formas poéticas (e cena, o sujeito enunciador, o público, a recepção, as características dessa textualidade singularmente apegada ao corpo e à expressão performática). De maneira ostensiva a análise articula criação e política cultural, mostrando “a emergência da produção improvável de sujeitos alterizados que investem na poesia performática como uma maneira consciente de transgressão social e cultural, visando a desestabilização das regras da arte e do próprio conceito de poesia”. Acrescenta-se a esse horizonte de interesses um estudo dedicado à poesia digital, fruto do encontro entre linguagens artísticas e mídias digitais na cultura hispano-americana atual. O capítulo oferece uma caracterização dessa forma tão singular da poesia, em termos de linguagem, de suporte (intermedial e interativo), de localização e, consequentemente, em termos de distribuição e consumo. Todos esses paradigmas, que interpellam as formas tradicionais de pensar a literatura, voltam com insistência à pergunta que anima nossa coleção como pensar hoje uma comunidade literária hispano-americana fora do modelo letrado e do paradigma da localização da cultura que tanto sustentou o discurso moderno da historiografia literária tradicional?

O volume encerra com um capítulo que indaga sobre o tema da maternidade na produção poética contemporânea escrita por mulheres, com o propósito de visibilizar através da leitura desse *corpus* e de suas diversas modulações que abarcam o registro quase testemunhal atravessado pela experiência íntima ao tom declaradamente político e feminista, seus vínculos com as políticas do ato de materno e da maternagem. Também aqui as relações genealógicas entre as poetisas mais recentes e suas “precuradoras são objeto de uma instigante reflexão.

Alfredo Cordiviola
Ana Cecilia Olmo
Elena Palmero González
Miriam V. Gárate

Sumário

Volume III

Temas para uma história da literatura hispano-americana.	
Sobre esta coleção	7
Apresentação	13

Irrupções das margens

Visão dos vencidos	21
<i>José Alberto Barisone</i>	
Sob um outro olhar: crônicas indígenas e mestiças da resistência	37
<i>Brenda Carlos de Andrade</i>	
<i>Titulos Primordiales: um repositório da memória em defesa da terra</i>	55
<i>Elisabeth Fromentoux Braga</i>	
O gênero gauchesco e suas projeções	73
<i>Maria Alejandra Minelli</i>	
Consciências linguísticas e práticas escriturais na literatura peruana	95
<i>Dorion Espezuá Salmón</i>	
Cumes e vales da orografia literária andina	115
<i>Marcelo J. Pérez</i>	
O “índio traduzido” e as escritoras indígenas no Peru e no México	135
<i>Christian Elguera</i>	
A produção literária dos povos originários: indo-hispano-americanidades contemporâneas	155
<i>Amarino Oliveira de Queiroz</i>	
Literatura afro-latino-americana	167
<i>William Luis</i>	

Autonomia e episteme do pensamento crítico afrodescendente: apontamentos para a historiografia literária latino-americana	185
<i>Rogério Mendes</i>	

Sensibilidades críticas e literaturas das periferias: letras marginalizadas	203
<i>Lucía Tennino</i>	

Modos da poesia

A tradição consagrada: formas épicas, elegíacas e filosóficas na lírica hispano-americana colonial	223
<i>Elisabeth Fromentoux Braga</i>	
Permanência do efêmero: a atividade poética em certames, festas e panegíricos hispano-americanos dos séculos XVII e XVIII	241
<i>Mariana Ozuna Castañeda</i>	
Aproximações críticas à poesia modernista	259
<i>Rodrigo Labriola</i>	
Gênese textual das vanguardas poéticas da América Latina	289
<i>Francisco Ardiles</i>	
Antipoesia e poesia coloquial: Nicanor Parra e Juan Gelman	307
<i>Edgardo Doby</i>	
Poéticas neobarrocas	325
<i>Pablo Gasparini</i>	
Poesia oral, performance e representação: vozes do Poetry Slam	349
<i>Ary Pimentel</i>	
A poesia digital hispano-americana	365
<i>Darío Gómez Sánchez</i>	
Poesia hispano-americana contemporânea: políticas da maternagem	379
<i>Luciana di Leone</i>	
Os Autores	399